

UM PASSEIO NA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CULTURAIS: INVESTIGAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA

Maria de Fátima Albuquerque Caracristi
E-mail: mariaf@uft.edu.br

Resumo

Este artigo discute a importância da Geografia Cultural para as pesquisas e as investigações geográficas tomando como referência os princípios teóricos e os métodos de estudos sugeridos por Paul Claval. No percurso do trabalho correlacionaremos as incursões dos Estudos Culturais e o caminho epistemológico trilhado pela Geografia Cultural. Apresentaremos primeiramente uma breve história de como se originou e se constituiu os Estudos Culturais, tanto o caráter disciplinar quanto o acadêmico e, finalmente, como a Geografia se utilizou da cultura como uma categoria legitimamente científica para o pesquisador inquirir sobre as questões de raça, sexo, homossexualidade, biodiversidade, tendo no espaço a sua principal representação. Os lugares novos, inseridos num velho mundo com suas novas figuras protagonizando cenários onde o lugar é este pedaço de gueto, refúgio ou nova territorialidade de migrantes latinos, onde o *locus* se torna essência e território de identidade é que fundamenta a importância da Geografia Cultural, num cenário onde se evidencia a permanente inquietação da Geografia e sua constante autocrítica, sua dúvida inicial sobre os caminhos epistemológicos trilhados pelos Estudos Culturais e finalmente seu convite à cultura como uma categoria legitimamente científica.

Palavras-chave: Geografia. Estudos Culturais. Epistemologia

CULTURAL STUDIES: RESEARCH FROM THE PERSPECTIVE OF GEOGRAPHY

Abstract

This article aims to discuss the importance of Cultural Geography for geography-related research and investigation, using as a reference the theoretical principles and study methods suggested by Paul Claval. Throughout the project we correlated the Cultural Study incursions and the epistemological path led by Cultural Geography. We will first present a brief history of how the Cultural Studies began and were developed, both disciplinary and academic, and finally how the geography used the culture as a legitimate scientific category for the researcher to investigate questions of race, gender, homosexuality, biodiversity, having within its main representation. The new places, inserted into an old world with its new images representing scenes where the place is this piece of the ghetto, the refuge or new territory for migrant Latinos, where the locus turns into the essence and territory of identity, is what substantiates the importance of Cultural Geography, in a scenario where the permanent societal unrest and the constant self-criticism of Geography to respond to these changes. We approached the initial doubt of Geography about the epistemological paths led by Cultural Studies and finally its invitation to the culture as a legitimate scientific.

Keywords: Geography. Cultural Studies. Epistemology Method.

INTRODUÇÃO

A importância da Geografia Cultural para as pesquisas e as investigações geográficas tomando como referência os princípios teóricos e os métodos de estudos sugeridos por Paul Claval¹ é amplamente difundida. Embora tenha sido a última via de pesquisa a ser incorporada pela Geografia como método de investigação, a cultura veio atender a uma exigência dos tempos, uma maneira diferente de olhar o objeto estudado sob uma perspectiva que atribui um parentesco conceitual ao tempo, ao espaço e à comunidade humana, a idéia de comunidade e totalidade proposta por Kant².

A geografia no seu princípio percebia o mundo da mesma maneira como Heidegger o entendia: o mundo dado. Diferente de Kant que percebia o mundo como “uma tarefa a realizar”. A geografia, nesta feita, foi permitindo a entrada da cultura para responder às questões de ordens cotidianas que a comunidade humana exigia num mundo em seu pleno devir.

No percurso deste artigo, correlacionaremos às incursões dos Estudos Culturais e o caminho epistemológico trilhado pela Geografia Cultural. Apresentaremos primeiramente uma breve história de como se originou e se constituiu os Estudos Culturais, tanto o caráter disciplinar bem como acadêmico.

Na sequência, relataremos as principais linhas de desenvolvimento da investigação em Estudos Culturais, as metodologias usadas neste domínio científico e finalmente traçaremos um histórico percorrido pela Geografia Cultural a partir da percepção de Paul Claval.

1 O método não é a metodologia nos Estudos Culturais

Oliveira (1998, p.23) questiona: “Qual o sentido que se pode emprestar à noção de método?” E responde tomando como referência o dicionário especializado

² Ver “Origem da dialética. A comunidade humana e o universo em Kant” de Lucien Goldmann, p. 49.

de Lalande: “esforço para atingir um fim, investigação, estudo; caminho pelo qual se chega a um determinado resultado [...]”

Nas etapas da pesquisa que se inserem nos estudos culturais há muito mais metodologia do que métodos, além do que as abordagens são mais qualitativas que quantitativas. A Geografia diferentemente serviu-se de dados quantitativos e reassumiu seu lugar entre as ciências da época moderna como instrumento e como fruto de grandes descobertas: “como um estímulo para a aventura” (GEORGE, 1978).

Interessante o autor fazer menção ao importante papel da Geografia, que diferente da História, foi responsável pela formação das consciências durante o século XIX e no início do XX. “Surge desde o século XVIII como uma emanção da “Estatística” que no movimento filosófico da época, constitui justamente a primeira ciência dos balanços” (GEORGE, p. 16).³

Os Estudos Culturais podem ser considerados como instituição de estudo e pesquisa a partir de 1964, com a criação da Universidade de Birmingham do Center of Contemporary Cultural Studies (CCCS), sob a tutela do professor de Literatura Moderna, Richard Hoggart. A influência máxima em estudos Culturais foi alcançada pelo Centro com os trabalhos de Stuart Hall, nas décadas de 70 e 80 do século XX.

Dois livros na acepção de Hall (2003) ⁴ marcam a novo terreno: “As utilizações da Cultura”, de Hoggart e “Cultura e sociedade” de Williams. A nomenclatura Estudos Culturais utilizada numa primeira fase foi introduzida na América Latina sob designações mais genéricas como Comunicação, História Intelectual, Análise do Discurso e Estudos Interdisciplinares.

Do ponto de vista teórico, autores como Roland Barthes, Henri Lefebvre, Fiedler e Fannon, entre outros contribuíram para a formatação dessa investigação que se estendeu por todo o mundo. As atividades do CCCS consistiam em promover a cooperação entre as diversas áreas do conhecimento, estimulando a investigação interdisciplinar e, ao mesmo tempo, enfatizando a importância de uma ligação

³ GEORGE, P. A geografia, ciência dotada de múltiplas vias de acesso, in: GEORGE, P. Os métodos da geografia. Difel, Rio de Janeiro, São Paulo, 1978, p. 16.

⁴ HALL, S. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Unesco, UFMG, 2003.

prioritária a temas atuais. A atenção estava centrada nos discursos marginais, não oficiais, de indivíduos até então sem voz.

A rápida ascensão dos Estudos Culturais deve-se ao fato de que a intenção era estudar aspectos da cultura das sociedades, tornando-a prática central; a cultura seria então o resultado das interações existentes no social. O aparecimento dos Estudos Culturais possibilitou a proliferação de pesquisas até então reprimidas, pela ausência do método adequado.

O método foi sem dúvida a maior dificuldade encontrada nos Estudos Culturais e estava relacionada ao método de estudo ideal e abrangente para dar conta de todas as questões problematizadas nessa abordagem. Outra dificuldade encontrada é que tais questões diziam respeito às condutas muito corriqueiras das pessoas, o que não era entendido como problema científico pela academia.

Mills (apud OLIVEIRA, 1998, p. 18) ⁵ adverte que:

“[...] os pensadores mais admiráveis não separam seu trabalho de suas vidas. Encaram ambos demasiadamente a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra.”

Nos Estudos Culturais essa premissa foi satisfatoriamente aplicada, uma vez que o elemento central era uma integração teórica e a possibilidade de múltiplos aportes metodológicos, a prática de uma atividade crítica adotada por esses estudos, que se tornou apelativa, porque abordava questões da experiência cotidiana e se constituía de eventos complexos e contraditórios de serem comprovados e quantificados sistematicamente.

A interdisciplinaridade sugerida pelos Estudos Culturais gerou uma espécie de “campo gravitacional” Bennett (apud BAPTISTA, p.453) ⁶ para onde foram atraídos intelectuais de origens diversas. Investidores oriundos dos Estudos Literários, Linguística, Sociologia, Comunicação, Geografia, Psicologia, Educação foram se ajuntando aos estudos dos economistas, juristas, pesquisadores das Relações Internacionais, em busca da solução de problemáticas culturais, sob a perspectiva de paradigmas teóricos, que evidenciavam a eclosão de uma nova

⁵ OLIVEIRA, P. S. (org.) *Metodologia das Ciências Humanas*. São Paulo, Hucitec, Unesp, 1998.

⁶ BAPTISTA, M. M. Estudos culturais: o que e o como da investigação. Acesso em revistas.ua.pt/index.php/Carnets/article/download/466/422

ordem de valores e de indivíduos que viviam os desafios da pós-modernidade, em espaços urbanos reconstruídos pela migração, pela necessidade de socialização e convívio sob o entrave das diferenças.

2 A Investigação nos estudos culturais

A pós-modernidade e, aqui me refiro a uma percepção própria, entendendo-a como um percurso histórico que emerge após a modernidade, cede lugar à subjetividade das relações sociais, e enaltece o carácter individual identitário de grupos minoritários ao mesmo tempo em que possibilita o sujeito social um composto de várias identidades, contraditórias, no advento da mercantilização generalizada, seja de produtos como de ideias, à difusão de formas virtuais de comunicação, além dos processos migratórios entre os países periféricos para os centrais, gerando uma comunidade de indivíduos repatriados pela necessidade de sobrevivência e de melhores condições de vida. Esse elenco de características sociais tornou-se os temas centrais nas propostas de investigação dos Estudos Culturais.

É importante também estabelecer a importância da Escola de Frankfurt no aspecto de criticidade que esta instituição atribuiu aos fenômenos estudados pela vertente do Culturalismo. Essa concepção de estudo leva o pesquisador a desenvolver uma temática voltada para as questões do poder político e do mercado, além de ter uma estreita articulação com a cultura popular e a cultura de massa com os textos de Adorno e Horkheimer.

Abordagens não menos importantes foram realizadas pelas investigações que se aprofundaram nos fenômenos que ligam o Estado com os projetos que empreendem a utilização dos “aparelhos ideológicos no estado”, tema trazido por Althusser (1980)⁷, além dos estudos de Foucault (2008)⁸ envolvendo a questão do poder e do micro poder.

⁷ Ver ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3ª edição, Editorial Presença

⁸ Ver FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, Graal Editora.

A questão da hegemonia e contra hegemonia é uma terceira via de interesse dos Estudos Culturais que com Gramsci (1978)⁹ estabeleceu as diversas representações do estado e dos movimentos cívicos, além do estabelecimento da meta-narrativa proposta por Lyotard (1986)¹⁰.

Na pujança desses temas carregados de sentidos ideológicos emergem as questões das identidades, do sexismo e do racismo sugeridos nos estudos de Foucault (2002)¹¹. O desconstrucionismo trazido pelo argeliano Derrida (1971)¹² permitiu a liberação de todos os significados que o logocentrismo escamoteou em nome do projeto autoritário proposto pela modernidade; a crença na lógica e no racional, que a contemporaneidade substituiu por um novo modelo pondo como protagonistas novos atores que encamparam importantes papéis no campo político e de organização social.

Nesse renascimento, o método científico, responsável por instrumentalizar os estudos sociais encampou as novas maneiras de olhar a vida, através da teoria queer, encontrada nos trabalhos de Judith Butler¹³, que destacaram a realidade social e cultural de uma minoria excluída, os homossexuais.

Para exemplificar a incidência das classes minoritárias nas pesquisas Culturalistas, tomamos de amparo o que Bourdieu (1979)¹⁴ designou como justificativa à teoria queer:

“[...] O rompimento com a invisibilidade se dá com uma superação do gueto, e a constituição de grupos organizados de homossexuais que visam questionar sua posição na sociedade, tentando redefinir a categorização social do homossexual: lutando por impor o sistema de classificação mais favorável a suas propriedades ou ainda para dar ao sistema de classificação dominante o conteúdo melhor para valorizar o que ele tem e o que ele é”.

⁹ Ver GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2ª Ed. 1978.

¹⁰ Ver LYOTARD, J. F. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio

¹¹ Ver FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes

¹² Ver DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. Trad. Brasileira da obra original em francês *Le scriture et la difference*. 2ª Ed. São Paulo, Perspectiva

¹³ Ver <http://culturavisualqueer.wordpress.com/2010/07/12/judith-butler-as-questoes-de-genero-e-os-corpos-que-importam/>

¹⁴ Ver BOURDIEU, P. A distinção. Crítica social do julgamento. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/26294072/BOURDIEU-Pierre-A-distincao-critica-social-do-julgamento>

A busca por melhores métodos, adequados para estudar os tempos pós-modernos e o devir de novos atores coexistindo nas cidades e nos conglomerados das metrópoles, que o culturalismo elegeu como cenários dos seus problemas surgem às pesquisas centradas no colonialismo e no pós-colonialismo que compõem tema dos estudos de Boaventura de Sousa Santos, na Universidade de Coimbra, em Portugal.

O pós-colonialismo é um reflexo dessa sociedade que se dizendo moderna não rompe com os paradigmas epistemológicos atávicos, gerando estudos que consagraram um novo termo para definir suas inquietações: o “epistemicídio”:

“[...] O mundo é um complexo mosaico multicultural. Todavia, ao longo da modernidade, a produção do conhecimento científico foi configurada por um único modelo epistemológico, como se o mundo fosse monocultural, que descontextualizou o conhecimento e impediu a emergência de outras formas de saber não redutíveis a esse paradigma. Assistiu-se, assim, a uma espécie de epistemicídio, ou seja, à destruição de algumas formas de saber locais à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas” (SANTOS; MENESES, 2009).

Os temas rotineiros singulares e os que se repetem em meio a uma sociedade fragmentada passaram a ser objeto dos Estudos Culturais, que comporta uma visão que vai desde as estruturas da globalização, às concatenações com as temáticas da fragmentação, desterritorialização da cultura, dos bens e das imagens, além dos impactos da sociedade virtual que se relacionam em redes cibernéticas e que dão ao mundo uma aparência de não lugar.

A questão do não lugar aportada após as relações em rede põe em questão conforme Augé (2007)¹⁵ a antropologia da contemporaneidade, “Onde supermodernidade é o lado ‘cara’ de uma moeda da qual a pós-modernidade só nos apresenta o lado ‘coroa’: o positivo e o negativo” (Augé, op.cit., p. 33). Nessa perspectiva se realiza uma nova reflexão sobre a contemporaneidade, deslocando-se a discussão do método para o objeto.

¹⁵ AUGÉ, M. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 1ª Ed. (reimpressão, Lisboa: 90 graus Editora, 2007 (104p). Disponível em <http://pt.scrib.com/doc/33084530/NÃO-LUGARES>. Acessado em 10/09/2013.

Os Estudos Culturais propõem abarcar um mundo de inquietações correlacionadas à emergência de objetos de pesquisa que se dissipam de acordo com as visões que os pesquisadores atribuem aos seus problemas, sejam os fenômenos relacionados à insegurança de uma sociedade mortificada pelo terrorismo ou pelos colapsos da natureza. De toda sorte suscita críticas e desconfianças pôr tentar unir num mesmo contexto investigativo temas abrangentes e de difícil base científica.

Barker (2008)¹⁶ enumera as metodologias mais utilizadas nesses estudos: metodologia etnográfica, abordagem textual e recepção. Na metodologia Etnográfica segundo Rorty (1989) e (1991) há o emprego de métodos que utilizam desde a observação participante, as entrevistas em profundidade e os grupos focais. O elemento central é o cotidiano no processo da vida social. O que permite a articulação da abordagem teórica e empírica.

O que está na essência dessas pesquisas não é a verdade objetiva, mas a compreensão do significado das representações culturais e sociais pelo discurso presencial ou mediado. A abordagem textual é estabelecida de acordo com as maneiras de se tratar o texto, podendo ser numa perspectiva semiótica ou relacionada à teoria narrativa.

A abordagem desconstrucionista proposta por Derrida visa distinguir o que um texto diz daquilo que ele significa, uma maneira de exegese textual, na percepção de Stam (2003) e que encontra seus antecedentes na bíblia, na hermenêutica e na filologia do século XIX:

[...] no método pedagógico francês da *explication de texte*¹⁷ e na análise “imanente da new criticism norte-americana, seus antecedentes mais imediatos incluem a obra de Lèvi-Strauss sobre o mito, os estudos de Umberto Eco sobre a “obra aberta”, a distinção de Roland Barthes entre “obra” e “texto”, as noções (freudianas) de Althusser e Macheray de “leitura sintomática” e “ausências estruturantes” e a obra de Derrida sobre *différance* e a disseminação”. (STAM, 2003, p. 208)

¹⁶ BARKER, C. Cultural Studies - Theory and Practice. Los Angeles/London: Sage, 3rd, 2008.

¹⁷ Itálico do autor

No que se refere aos estudos de recepção existem duas linhas fundamentais de método: o modelo codificação/descodificação e o modelo clássico da tradição hermenêutica e literária.

No desenvolvimento de uma pesquisa em que se opta pela abordagem metodológica da recepção o espectador passa a ser entendido como ativo e crítico. Stuart Hall, baseando-se nas ideias de Umberto Eco e Frank Papkin antecipou e concretamente materializou essa mudança no seu ensaio “Encoding and decoding” (1980). Para Hall os textos midiáticos não possuem um significado unívoco, podendo ser lidos de formas diversas por diferentes pessoas e a leitura e interpretação feita por essas pessoas variam de acordo com origem, inserção social, ideologias e desejos. (STAM, 2003)

O modelo da tradição hermenêutica e literária proposta por Gadamer (1976) e Iser (1978) defendem que a compreensão do texto depende sempre do ponto de vista daquele que compreende. Assim o leitor também produz o sentido não tanto a partir da ideia inicial, mas das oscilações entre o texto e a sua própria imaginação.

3 Unindo o útil ao agradável com a chegada do Estruturalismo

A vertente culturalista nos Estudos Culturais foi interrompida pela chegada do Estruturalismo. Foi o Estruturalismo quem enfatizou o conceito de “ideologia em consonância com sua linhagem marxista” (HALL, 2003, p. 144).

Se para a Geografia a Cultura foi à última categoria na relação de análise dos aspectos epistemológicos, o mesmo não ocorreu com relação às Ciências Sociais, “as aproximações entre Geografia Humana e ciências sociais não são recentes, [...] Tampouco com a teoria social [...]. Nem sempre a teoria social foi concebida como sinônimo da Sociologia” (SILVA, 2010, p. 158). Na tese de Doutorado a autora destaca a importância da concepção de Gregory sobre a Geografia Humana e a teoria social:

[...] Com efeito, essa concepção é formulada num contexto de intenso debate entre “geografia teórica e quantitativa”, fortemente influenciada pelo neopositivismo ou positivismo lógico, e a “geografia

radical”, de inspiração marxista. O espaço dedicado à concepção desse geógrafo, nessa tese, deve-se também à importância que ele confere à teoria social para a investigação intelectual e a intervenção política.

Contudo, para George (1978) o que garante, paradoxalmente, a preservação da unidade da Geografia é seu aspecto subjetivo. As três características fundamentais que ela apresenta como uma ciência que integra várias ciências associadas.

Na concepção do autor são três características: (i) ser a Geografia uma ciência de síntese; (ii) ser a geografia o estudo de um espaço contínuo; (iii) ser a geografia uma ciência voltada para a ação e orientada pela conjuntura, que garante a preservação da unidade geográfica. O que facilita aos pesquisadores da ciência geográfica estabelecer um elo com as pesquisas e as bases epistemológicas dos Estudos Culturais.

Notadamente poderíamos dizer que o contrário, nem sempre ocorre, muitos estudiosos das Ciências Sociais, embora, utilizem do espaço local, como objeto de estudo não recorre à Geografia para satisfazer suas necessidades de método e de teoria. Estudos geográficos utilizam das bases metodológicas dos estudos culturais, mas conforme nos lembra Gomes (2009) é a ordem espacial que caracteriza a marca e a reflexão dos fenômenos geográficos, o que às vezes é um limitador para o pesquisador.

Nesse arranjo espacial, físico das coisas, pessoas e fenômenos se orientam num “plano de dispersão sobre o espaço”¹⁸. “A análise da trama locacional é a especificidade da ciência geográfica” (GOMES, 1997, p. 25).

Sabendo que é a partir do local, do plano espacial que se ergue e se define o pensar geográfico é que temos o momento mais importante deste texto que é buscar identificar o uso que a Geografia faz da metodologia adotada nos Estudos Culturais para entender os problemas do mundo geográfico cientificamente.

Se for no espaço contínuo e finito que a Geografia se debruça para alinhar as tramas do seu objeto vale aludir que é nesse espaço que ocorrem todas

¹⁸ GOMES, P. C. da Costa. “Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões”. In Castro, Iná E. de; GOMES, P. C.C.; Corrêa, Roberto L. (orgs.). Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1997.

as variações de ações sociais e humanas e culturais que existindo, permite ao pesquisador responder a uma sorte de questões problemas e que nem sempre são entendidas como questões geográficas.

Neste raciocínio tomamos a análise que Paul Claval desenvolveu para ilustrar as mudanças ocorridas na Geografia e que permitiram “uma volta do cultural” na geografia. Para Claval o papel da geografia cultural na atualidade é mais importante que no passado, o que permitiu segundo o autor uma “volta do cultural” (*cultural turn*) para os ingleses.

Para podermos identificar as similaridades entre os Estudos Culturais e o método predileto das análises geográficas tomaremos os três momentos que Claval elucida para mostrar o desenvolvimento da geografia cultural, que conforme o autor coincide com o nascimento da Geografia Humana.

1. Final do século XIX até os anos 50: Neste período os geógrafos adotavam uma perspectiva mais positivista e naturalista, não eram estudadas as dimensões psicológicas e mentais da cultura, a geografia estava voltada para os aspectos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida. As experiências subjetivas dos lugares foram por vontade dos pesquisadores esquecidas.

Mostrou-se que os aspectos culturais fundamentais para a Geografia estavam focados em três domínios:

Domínio 1 – Relações homens/meio ambiente: Estudo do meio humanizado, da paisagem, das técnicas e das densidades.

Domínio 2 – Relações sociais: Estudo das instituições, da comunicação e da difusão das ideias e das técnicas.

Domínio 3 – Relações entre as organizações regionais e o papel dos lugares.

2. Entre os anos 60 e 70: A Geografia buscou utilizar os resultados da Nova Geografia para uma sistematização metodológica. Surtiu pouco interesse nos estudos de Claval.

3. Após os anos 70: Há uma mudança significativa na Geografia, uma vez que a Geografia cultural deixa de ser tratada como um subdomínio da Geografia

humana, passando a se posicionar no mesmo patamar da Geografia Econômica, Política.

Nesta fase a abordagem da Geografia cultural tem como objetivo entender a experiência dos homens no meio ambiente e ao mesmo tempo no ambiente social buscando compreender a significação que estes ambientes impõem às suas vidas. As representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica são valorizadas.

5 Novas bases da epistemologia científica

Para Claval a epistemologia das Ciências Humanas e Sociais começou a mudar nos anos 70:

“[...] Neste momento do desenvolvimento dos estudos geográficos o interesse pela experiência direta dos lugares e pelo sentido de morar (para quem e não para que, hoje e não ontem) se desenvolveu dando ênfase a uma abordagem de pesquisa fenomenológica, e com a utilização de filosofias críticas.” (CLAVAL, 2002, p.20)

Aparece a ideia de que no campo social o positivismo teria um papel conservador. A necessidade de integrar contextos existenciais e críticos em todas as Ciências Sociais se impôs, acarretando uma perda na credibilidade das grandes narrativas desenvolvidas pelas ciências sociais e históricas. Foi preciso repensar a Geografia humana e neste repensar nasce uma nova ideia a de que a Geografia humana não poderia ficar totalmente desvinculada da cultura, onde se desenvolveu, o que também foi sentido nas demais Ciências Sociais como na Economia, Ciências Políticas, Sociologia, Etnologia, entre outras áreas do saber.

Com esta constatação, evidente, a abordagem da cultura na Geografia Humana toma amplitude maior, posto que se entendeu que o econômico, o político e o social “nunca existiram como categorias imutáveis e independentes do espaço onde se encontravam” e conforme CLAVAL (2002, p. 20):

“[...] Elas dependem da cultura no seio da qual funcionam. São exemplos desta constatação o desenvolvimento de estudos sobre: a dimensão cultural do consumo, no campo da geografia econômica e da economia; a governabilidade nas Ciências Políticas”.

Seja em qual definição conceitual queiramos oferecer às pesquisas cuja análise centra-se no objeto geográfico é impreterível a questão da “ordem de dispersão espacial” como advoga Gomes (2009).¹⁹

Se os estudos e as pesquisas acadêmicas traçaram um caminho metodológico onde as teorias sociais foram organizadas em função dos momentos históricos e sociais que enfatizam a percepção do indivíduo sobre seus mais diversos fenômenos, no caso da Geografia é preponderante que se interroge sobre a ordem espacial.

A ordem espacial defendida por Gregory (1989) passa a ser reconhecida em Massey (2008) como “uma negociação que deve acontecer dentro e entre ambos, o humano e o não humano”:

“Isso é a eventualidade do lugar. Não se trata apenas de que as velhas indústrias morrerão e de que outras novas poderão tomar seus lugares. [...] Nem, evidentemente que minha irmã e eu e uma centenas de outros turistas devemos partir brevemente. Trata-se, também, de que as montanhas estão surgindo, de que a paisagem está sofrendo erosão e recebendo depósitos de sedimentos, de que o clima está mudando, que as próprias rochas continuam a se mover. Os elementos deste “lugar” serão novamente dispersos, em diferentes tempos e velocidades”. (MASSEY, 2008, p. 203)

Se buscarmos com esta resenha esboçar de maneira sintética a relação de aproximação entre os Estudos Culturais e a Geografia Cultural a par de um roteiro cronológico proposto por Claval, não pudemos nos furtar de discutir sobre o caminho do método e convidar autores deste enredo para dar sustentação à proposta de situar a importância da cultura nos fenômenos geográficos.

De uma Geografia preocupada com a filosofia das técnicas que como já teorizado por Santos (apud SILVA, 2010, p.220), para uma Geografia que se preocupa com as questões da biodiversidade, sequestro de carbono e desastres ambientais não se pode admitir conceitos e categorias estanques.

A percepção de Silva (2010) é também emblemática com relação ao espaço como domínio da Geografia. A importância de novos conceitos e categorias

¹⁹ Neste texto o autor sinaliza a ideia de Cosgrove, Denis. In “Geography is everywhere: culture and Symbolism in Human Geography”. In David Gregory & R. Waldorf (orgs.) Horizons in Human Geography, MacMillan, Londres, 1989.

se estendem na explicação dos fenômenos geográficos e trazem desde filósofos existencialistas aos técnicos, de Santos a Satre:

[...] num existencialismo conciliado com o marxismo – até o filósofo francês Simondon, ao qual fez constantes menções, sobretudo, quanto à técnica. No entanto, essas referências não devem nos induzir ao equívoco de procurar subordinar a Geografia à Filosofia. Tal epistemologia do espaço humano não devia se confundir com o que disseram os filósofos sobre o espaço. Não será este o caminho da Geografia, advertiu Santos. O caminho para essa formulação deve partir de dentro da própria Geografia, ou seja, do contato com a própria realidade, segundo Santos (1988a, p. 11): “A teoria geográfica tem de ser buscada no seu domínio próprio: o espaço.

Se essa Ciência Geográfica tão repetidamente insatisfeita consigo mesma chama novas derivações para aquelas questões que lhe inquietam e que servem como fonte de pesquisa: Geografia Física, Geografia Econômica, Geografia Humana e Geografia Cultural entre outras, é que na sua auto criticidade tais designações comparecem como estrelas coadjuvantes, num cenário em que sobreposto o espaço geográfico, gravitam outros “objetos e sistemas de ações, e suas formas híbridas e técnicas (M. Santos, 1996) que visam nos indicar como o território é usado, para quê e por que e com que objetivo e que nem sempre são eficazes para responder às inquietações do inquiridor.

6 Considerações Finais

Se na busca de compreender a questão da Geografia nos debruçamos no segmento da Geografia Cultural a par de seus tempos e espaços, num caminhar conduzido pelo percurso traçado pelos Estudos Culturais na intenção de entender como a Geografia Cultural motivou a abertura de conceitos, objetos de pesquisa e métodos de análise para a Geografia foi por compreendê-la, ela cultura, mais abrangente em relação a outros critérios de análise.

Neste estudo fomos reconhecendo o percurso dos Estudos Culturais motivando a operacionalização dos estudos geográficos, seja na escolha do método e das opções teóricas, seja na estrutura das variáveis que os pesquisadores se propunham a analisar, como um capítulo da ciência que repercutiu igualmente nas

demais categorias de análise de diversas áreas do conhecimento científico. Identificamos que a Geografia se iniciou pelo positivismo cartesiano, nos métodos quantitativos e estatísticos, mas que as alterações sociais com suas várias subjetividades permitiram que a cultura obtivesse um lugar de destaque ou de igualdade entre os demais critérios analíticos do espaço e do olhar geográfico.

Não por acaso essa cooptação de várias pesquisas e suas epistemologias pela vertente cultural está historicamente compreendida num momento de ruptura social, onde a ordem pré-estabelecida pelo modernismo e sua filosofia inspiradora de ordem e progresso estavam em crise. A cultura é preponderante na Geografia num momento em que há emergência de forças de empoderamento político e social de comunidades que se organizaram para reivindicar direitos nunca contestados e, na confluência de classes sociais até então subalternas ou excluídas das cenas protagonizadas apenas por uma ciência, que não ousava compreender como científico, questões do cotidiano de pessoas.

Outra questão é que tais estudos também tiveram que dar respostas às inquietações que emergiram do interior de uma sociedade fragilizada pelas questões de saturação dos seus recursos, pela eminência da escassez de água para abastecer o planeta, uma conjunção de problemas, numa terra-território-local que ainda não conseguiu romper com o problema da fome e da miséria.

Assim percebemos que como já foi dito por Gomes (2009) não há uma geografia física nem uma geografia humana e que os demais domínios disciplinares podem pesquisar e desenvolver teorias sobre os mesmos fenômenos, o que demonstra a “impossibilidade de um saber totalizante e absoluto”.

Este texto contou sobre o caminho percorrido pelo método e pelo avanço social e político que os estudos Culturais na sua generosidade inclusiva viram se desmembrar: do físico e concreto, para se converter numa rede de dígitos e polegares adestrados aos teclados cada vez mais diminutos em temporalidades também virtuais. Num velho mundo com suas novas figuras protagonizando cenários onde o lugar é este pedaço de gueto, refúgio ou nova territorialidade de migrantes latinos, onde o *locus* se torna essência e território de identidade.

Neste cenário é perfeitamente legítima a permanente inquietação da Geografia e sua constante autocrítica; sua dúvida inicial sobre os caminhos epistemológicos trilhados pelos Estudos Culturais e finalmente seu convite à cultura como uma categoria legitimamente científica para o pesquisador inquirir sobre as questões de raça, sexo, homossexualidade, biodiversidade, tendo no espaço a sua principal representação, ou seja, compreender o mundo como “uma tarefa a realizar”.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3ª edição, Editorial Presença,

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: 90 Graus Editora, 2007. 104p. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/33084530/NAO-LUGARES> Acessado em 22 de novembro de 2012.

BAPTISTA, M. M. **Estudos culturais**: “o que e como da investigação”. Carnets, cultures littéraires: nouvelles performances et development, nº special, automne/hiver 2009. Disponível em: <http://carnets.web.ua.pt/>. Acessado em 13 de outubro de 2012.

BARKER, C. **Cultural Studies**: theory and Practice. Los Angeles/London: Sage, 3rd, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **La distinction**: critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999.

_____. **“A volta do cultural” na Geografia**. Université de Paris V-Sorbone: Mercator: Revista de Geografia da UFC, ano 1, nº 1, 2002.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Papirus, Campinas, 1980.

FOULCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____. **Microfísica do poder**. Ediciones de la Piqueta, 1980.

GADAMER, H.G. **Philosophical hermeneutics**. Berkeley: University of California Press, 1976.

GEORGE, P. **A Geografia, ciência dotada de múltiplas vias de acesso**. In: GEORGE, P. **Os métodos da geografia**, Difel, Rio de Janeiro – São Paulo, 1978.

GOLDMANN, L. **Origem da dialética**. A comunidade humana e o universo em Kant. Trad. Haroldo Santiago. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2. ed. 1978

HALL, S. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Unesco, UFMG, 2003.

ISER, W. **The act of Reading: a theory of Aesthetic responses**. London and New York: Routledge & Kegan Paul, 1978.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1987.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, P. S. (Org.) **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo, Hucitec, Unesp, 1998.

_____. Caminhos de construção da pesquisa em Ciências Humanas. In: MENDONÇA, et al. (Org.). **Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: ADEMADAN, 2009.

RORTY, R. **Contingency, irony and solidarity**. Cambridge University Press, 1989.

_____. **Objectivity, Relativism and Truth: Philosophical Papers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, (532pp). Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Revista%20Lusofona%20Educacao_2009.pdf . Acessado em 22 de novembro de 2012.

SILVA, A. C. da. **O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XXI: o território na trama das significações imaginárias**. 2010. 578 p. Tese de (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2010.

STAM, R. Análise textual. In: _____. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas, São Paulo, Papyrus, 2003.